

# O HERALDO

Director, proprietario e administrador

JOSE MARIA DOS SANTOS

RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Redacção, administração, composição e impressão

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

## GUERRA D'AFRICA

De terras de Africa, onde um punhado de valentes anda presentemente a vingar o desastre das margens do Cunene, vieram agora noticias de novos combates.

Sabe-se que soldados portuguezes cahiram já, varados pela morte, n'esses primeiros recontros—o que trouxe, a muitos corações, supremas angustias e tremendos receios...

E' a embriaguez das victorias passadas. Tão grandes e successivas victorias, que bastava a fama das nossas armas para derribar inimigos, em sertões inhospitos, e para deslumbrar outros paizes, na propria Europa guerreira. Nas campanhas de Africa, n'esta epoca agitada de colonisação e de conquista, Portugal soubera marcar para si o primeiro logar. E este facto cegava-nos, de orgulho e de brio. Fazia com que nos julgássemos intangíveis e quasi divinos—mercê de arcanos de heroísmo já hoje perpetuados na propria historia.

Mas, agora, a guerra é já de desespero derradeiro, de emboscadas e de traições, guerra sem quartel e a todo o transe. O inimigo, porque um dia, na emboscada traiçoeira das margens do Cunene, desbaratou um trço de tropas desprevenidas, ganhou audacia para maiores acções. Os soldados portuguezes, de olhos fitos na bandeira da Patria, juraram não recuar um passo, lavando em sangue a affronta recebida, e vingando nobremente a memoria dos seus camaradas, mortos no tragico recontro.

Na batalha, como em todas as batallas, houve mortes. Não poderia deixar de ser assim, visto que se trata, não de apavorar inimigos, devastando matos e queimando aldeias, afugentando a ferro e fogo algumas tribus rebeldes, mas sim de infligir um castigo memoravel e de firmar, uma vez para sempre, n'essa vastissima região, o prestigio da bandeira portugueza.

Houve mortes, é certo. Na guerra como na guerra. Assim tinha de ser. Mas as tropas portuguezas avançaram, e continuam avançando sempre, podendo alli assistir-se ao espectáculo heroico de ver um punhado de homens, por sertões desconhecidos, levar adiante das suas bayonetas toda uma raça aguerrida e audaciosa, destra e armada até aos dentes, corajosa e disposta a vender cara a victoria.

Espectaculo tão heroico e tão extranho, que, n'esses resumidos combates, o desejo do triumpho só pode egualar-se ao desprêso pela vida.

No proprio dia em que sua alteza o principe real, na capital da provincia de Angola, assistia a bailes e banquetes de gala, esses soldados portuguezes, em um sertão d'essa mesma provincia, batiam-se desesperadamente pela bandeira que lhes fôra confiada, regavam a terra ingrata com o sangue generoso, iam para a morte alegremente, parecia quererem mostrar como é que sabem filhos do Povo dar a vida pela Patria. As fortalezas de Louanda saudavam, com salvas de gala, o principe que partia, risonho e feliz, rodeado de todos os mimos da fortuna. Esses soldados, no sertão distante, não podendo prestar-lhe as honras de despedida, iam ao menos vingando alli uma injuria passada; não podendo regressar á Patria, mostravam corajosamente que sabiam combater e morrer por ella.

D'esses heroes, alguns ficaram, em verdade, no campo da batalha, varados por balas inimigas, atravessados de azagaias implacáveis. Não os devemos, porém, chorar nem lastimar, porque não quer lagrimas de desalento quem morre no seu posto, quem succumbe com honra, e quem sabe, affrontando a morte, deixar da vida uma nobre memoria.

Os que da lacta sahiram victoriosos, saberão vingar, com novas energias, esses que tiveram por tumulo, não a terra em que nasceram, mas a terra ardente, calcinada e mortifera, da Africa distante...

Esta campanha contra os cuamatás não é já uma aventura colonial. E' uma guerra, com todos os seus perigos e todos os seus imprevistos contratemplos.

Ao lado mesmo d'essa região, que as tropas portuguezas agora vão batendo, tem o exercito allemão, na sua campanha contra os herreros, soffrido os mais graves desastres, sendo chacinados regimentos inteiros.

Tem os allemães alli mantido mais de vinte mil homens, com artilharia aperfeiçoada, balões de guerra, uma numerosa engenharia militar e milhares de contos em munições. Mas, assim mesmo, os desastres succedem se aos desastres, e todo esse apparato guerreiro nem tem conseguido uma victoria decisiva, nem chega a atemorizar os herreros, povo irmão dos cuamatás.

E' que são estes os povos mais aguerridos, mais valentes e destemidos, não só da Africa Occidental mas da Oriental, mostrando-se cavalleiros inegaláveis, de uma impetuosidade louca no ataque, e possuindo armas perfeitamente modernas, que manejam com toda a precisão.

As grandes derrotas, soffridas pelos allemães, são exemplo do que podem herreros e cuamatás. Nem uns nem outros se limitam a uma resistencia, desesperada em bora. São os primeiros, sempre, no ataque.

E' n'estas condições que os soldados portuguezes, oitocentos apenas, e quasi todos voluntarios, estão fazendo a campanha contra os cuamatás. Não são em numero elevado como os allemães; não tem, como elles, essas grandes machinas de guerra, da moderna arte da destruição. Mas tem, como nenhuns outros, o amor da Patria, o orgulho da victoria, a coragem cega e invencível dos heroes.

E assim, hão de vencer.

## Partido regenerador

Na presente conjunctura da politica portugueza, o proximo acto eleitoral para a chefia do historico partido regenerador deve interessar todos os que ainda presam a felecidade da patria e tem ainda esperança n'um futuro de progresso e prosperidades que sirva a compensar nos dos tormentos males do presente. Trata-se d'um partido de grande preponderancia politica, forte e disciplinado, com brilhante tradição historica e que por isso tem o destino de prestar ainda importantes serviços ao paiz que, mais do que nunca, precisa agora da cooperação efficaz das aggremações partidarias que já lhe são credoras de muitos e assignalados serviços. E como a tempera dos homens que empunham as redeas d'esses partidos é que de ordinario symbolisam a orien-

tação e norma com que esses mesmos partidos fazem o governo da nação, parece-nos de bom conselho que no proximo suffragio em que os regeneradores tem de escolher o seu chefe, se arredem por completo mesquinhas precauções de conveniencia pessoal e na escolha possa apenas presidir o espirito de consciencia, optando se não por quem reuna maiores probabilidades de exito mas por quem a no-sa vontade intima escolhe como mais necessario para a direcção d'um partido de governo n'este periodo de extrema gravidade em que só as grandes energias e os decididos temperamentos de combate podem triumphar, vencendo a onda avassaladora de descredito e ruina que ameaça afogar nos.

D'entre os dois nomes postos á votação para a chefia do partido regenerador—ambos de grande e de honrada envergadura politica—um ha que para nós e no actual momento, tem vantagens sobre o outro, pelas suas qualidades de trabalho e de energia: é o do sr. conselheiro Teixeira de Sousa. O seu passado politico é a melhor garantia de quanto a sua direcção no partido deve corresponder aos de-jeos d'uma acção decisiva e radical que desobstrua o paiz dos complicados entraves á sua marcha de progresso, podendo trazer-nos ainda dias de venturosa felicidade. E quando essas vantagens não bastassem, havia ainda uma outra, a maior, a mais consderavel: a da sua grande, constante e ininterrupta dedicação ao partido a que pertence e ao qual offereceu agora o seu nome como candidato á chefia.

Desde que assentou praça nas fileiras aguerridas d'esse agrupamento, todo o seu esforço e toda a sua acção politica tem sido em prol da causa partidaria, sem um desfallecimento que quebrantasse a sua lealdade e sem uma fraqueza que servisse a ensombrear a sua apregoadá tempera d'aço. N'estes ultimos annos de fadiga politica, enquanto o seu antagonista de agora gosava o delicioso rimanso d'uma longa e agradável abstenção, preferindo uma vida socegada e contente aos tormentos e ás asperidades da actividade partidaria, o sr. Teixeira de Sousa esteve sempre no seu posto de combate, pelo seu partido, no ministerio ou no parlamento, sobre os asphaltos de Lisboa ou atravez as serranias de Trás os Montes, ora defendendo o das arremetidas opposicionistas ora dando-lhe lustre com muitas das suas rasgadas iniciativas e empreendimentos. Escolhel-o para chefe seria não só um acto de boa politica, que o futuro certamente coroaria de resultados felizes, como também uma justa e digna recompensa a quem tanto se tem nobilitado pelo seu trabalho e pela sua inegalável dedicação.

Sabemos que a grande maioria dos regeneradores algarvios apoia intimamente a candidatura do sr. conselheiro Teixeira de Sousa e d'isso são prova as cartas de incentivo e applauso que de quasi todos os conselhos da provincia recebemos pela publicação dos artigos do nosso ultimo numero, defendendo a candidatura do illustre estadista; porém, a parte officiosa do partido em diversos concelhos entendeu delegar a sua opinião na opinião do antigo governador civil sr. commendador Ferreira Netto que julgando o apoio á candidatura do sr. Teixeira de Sousa um perigo para a integridade do

partido se decidiu ultimamente pela candidatura do sr. Julio de Vilhena.

Não nos parece que quem apoie a candidatura do sr. Teixeira de Sousa faça perigar a integridade do partido, pois não havendo candidato official todos os regeneradores estão no direito de dar preferencia a qualquer dos nomes apresentados sem que isso seja um acto de hostilidade ao partido, ou, sequer, um acto de indisciplina. Se como regeneradores são apresentados ambos os candidatos, sem qualquer d'elles ter sanção official, em que pode perigar a integridade do partido na escolha d'um ou d'outro candidato?

Não é verdade que, como nos diz o *Districto de Faro*, todas os concelhos, á excepção de Tavira, delegassem no sr. Ferreira Netto o seu voto sobre a chefia regeneradora. O centro regenerador de Tavira e a camara municipal, que é regeneradora, não foram de facto consultados pelo sr. Ferreira Netto, mas, mesmo que o fossem, manifestar se-hiam como se manifestaram já: pelo sr. Teixeira de Sousa. E igualmente o partido regenerador de Villa Real de Santo Antonio decidiu apoiar a candidatura do sr. Teixeira de Sousa, dando-lhe auctorisação n'esse sentido que foi assignada pelos srs. José Vicente do Carmo, antigo presidente da camara e administrador do concelho, Godofredo do Carmo das Neves Barreira, antigo administrador do concelho, e dr. João Matheus Abecassis. Não assignaram alguns outros elementos que muito tem coadjuvado sempre o partido regenerador porque, sendo estrangeiros, não podem ter interferencia directa nas resoluções officiaes da politica portugueza.

Em Castro Marim também foi passada auctorisação a favor do sr. Teixeira de Sousa, assignada por alguns regeneradores.

De Faro foi enviado também ao sr. conselheiro Teixeira de Sousa, o seguinte documento:

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Teixeira de Sousa

Nós abaixo assignados, regeneradores residentes na cidade de Faro, desejando affirmar a V. Ex.<sup>a</sup> o desejo de que seja V. Ex.<sup>a</sup> o chefe, que o partido regenerador nomeie na eleição, que deve ter lugar até 31 de outubro; vimos por este meio significar-lhe a nossa inteira adhesão, offerecendo igualmente a V. Ex.<sup>a</sup>, no que possa ser, a nossa cooperação para o bom exito da sua incontestável candidatura, em face do direito e da razão.

De V. Ex.<sup>a</sup>

M.<sup>to</sup> Att. os V.<sup>res</sup> Ogb. dos e amigos

- (aa) João Antonio Rosa Cruz Baião
- Antonio de Macedo Ramalho Ortigão
- João Ignacio Palermo d'Oliveira
- Antonio Pedro Xavier Teixeira
- Augusto Christovam da Conceição
- Sebastião Ramalho d'Abreu M. Ortigão
- João Agostinho Ferreira Chaves
- José Maria Lobo Pessanha
- Bartholomeu Augusto Pessanha de Mendonça
- José Joaquim
- José M. Guieiro
- Prior João Rodrigues Passos Pinto
- José Alexandre Fonseca
- João Alvaro Pestana Girão
- Joaquim Mendes Cabeadas
- João Correia Basilio

Na qualidade de antigo presidente da Camara Municipal de Faro, para os effeitos da eleição á chefia do partido regenerador, declaro que dou plena auctorisação ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Teixeira de Sousa para na mesma, representar este concelho.

Faro, 17 de Setembro de 1907.

João Rodrigues Aragão.

Constou ao *Futuro* ter reunido o centro regenerador de Olhão, deliberando-se nelle apoiar a candidatura do sr. Julio de Vilhena.

Constou mal. O centro regenerador de Olhão ainda não reuniu para resolver sobre esse assumpto.

## ETERNA DIVERGENCIA?

Aos sinceros crentes

Tenho a meu lado a resposta d'um «crente» a um «revoltado» que atirou com o nome de «patranhas dogmáticas» ao que, no meu entender, não é senão o resto de erros ancestraes acumulados, através de gerações ininterruptas, no cerebro dos nossos antepassados e que, pelo simples mecanismo de hereditariedade se fixaram em alguns de nós.

Não me toca profundamente essa réplica, porque eu não sou anti clerical no sentido ordinario do termo. Não detesto o padre, não o ataco, não o injurio. Não digo, como todo o bom christão de hoje-em-dia: «Isto de padralhada é tudo uma sucia de ladrões», nem emprego essa respeitável palavra em comparações deprimentes, como: «comer como um padre», «gordo como um padre» e outras comparações semelhantes, que assemelham o mister de padre ao papel fisiologico do vinho quinao. Não sou pois anti clerical. Desde que uma crença se estabelece, é fatal que se origine o apostolo. Quando o padre é um *santo*, eu respeito e admiro o padre. Apostolo, segundo o meu entender, d'um principio falso, admiro o pela coherencia e respeitoio o pela sinceridade. Mas se não sou anti-clerical, como toda a gente (parafraseemos Junqueiro), sou profundamente atheu e considero me um logico livre-pensador. Ora no artigo *De relance* ha algumas affirmações que não acho bem comprehensíveis, e muito prazer teria se alguém m'as explicasse cathegoricamente.

Tenho lido já muita poesia, muitas considerações sobre a harmonia do universo, muita logica de sentimento a dirigir pseudo raciocínios... E' se crente? Pois se agrada crêr! Crê-se não porque se se *saiba*, mas porque é agradável crêr. A crença abstem-nos de pensar. E nada ha mais grato aos homens do que não se darem ao trabalho de pensar. A crença liberta-os d'esse trabalho e vivem tranquilos.

Guerra Junqueiro c é em Deus, porque não pode admitir que Joanna d'Arc e Locusta tenham a mesma sorte. E é incrível que ainda hoje em dia homens d'espirito vigoroso façam semelhantes raciocínios.

Porque é que Junqueiro crê? Porque lhe é agradável crêr, porque o satisfaz crêr. Não ha mais forte razão para crêr do que crêr e Junqueiro manifestava mais espirito, se dissesse: «Creio porque creio».

Ora eu desejava que em vez de *conveniencias* me dessem *razões*. Será bom crêr em Deus, acredito, visto que os crentes tem tanto interesse em que todos pensem como elles. Mas eu, pela minha natureza, não posso acreditar senão naquilo que se me demonstra, e como ainda ninguem me demonstrou a existencia de Deus, julgo-me muito infeliz por não acreditar n'esse facto que parece capital para a felecidade dos homens. Sou eu culpado d'isso? Decerto que não, porque eu sou *feito* d'esta maneira, e não d'outra, e o que penso e o que creio não pode ser senão aquilo que as condições factaes do meu organismo me *determinaram* a crêr e a pensar. Ora o que me determina a pensar é a demonstração.

Por outro lado todas as provas que conheço sobre a divindade

são méros jogos de palavras que partem da ideia preconcebida da existencia de Deus, ou da confiança absoluta no que se chama in correctamente as nossas ideias in-natas.

Mera combinação de palavras... Pode demonstrar? Não, *extasia* simplesmente. E nisto estão de acôrdo o atheu e o crente: ambos se extasiam ante a divina poesia do Christianismo. Eu tambem me extasio ante a poesia homerica e demolidora d'um Hugo, a ternura d'estilo d'um Lamartine, a realidade nua e forte d'um Zolá, e até ante obras scientificas absolutamente positivas, e profundamente atheistas. Extasiar não é admitir. Extasio-me ante o Bello, e o Bello muitas vezes, não é a Verdade. Ante a Verdade só tenho um gesto: o comprehende-la e recebe-la. Ora examinemos algumas das notaveis proas da existencia de Deus. A de Santo Anselmo:

«Nós temos a idéja d'um ser perfeito; ora a perfeição absoluta implica a existencia; logo o ser perfeito existe», que quer dizer: «Nós temos a ideia de Deus; ora as nossas ideias não nos enganam; logo Deus existe». Começa porque a primeira premissa é falsa. visto que muitas pessoas ha que não tem a ideia de Deus. Eu não tenho a ideia de Deus, e esse principio não é pois geral. A segunda permissa é falsissima tambem. Nós temos a ideia *innata* do repouso no espaço a no entanto sabemos pela convicção positiva da sciencia que participamos de varios movimentos de que o nosso globo é animado. Tambem nós temos a ideia *innata* da continuidade absoluta da materia, e sabemos que essa continuidade é apenas aparente, e motivada pela imperfeição dos nossos sentidos. Nós temos no nosso proprio organismo cousas de muitas illusões, e se da ideia *innata* da continuidade da materia não concluimos a realidade do facto, da ideia *innata* de Deus não podemos, em boa logica, concluir a realidade da sua existencia.

Ora quando me sinto assim tão desiludido emquanto ás *irrecusaveis* provas da existencia d'um arbitro divino, apparece-me um crente, a modos *Callisto*, que diz a outro cavalheiro: *deve crer*. Ora quem crê, é porque as propriedades do seu organismo o determinou a não crêr. Quem não crê, é porque as propriedades do seu organismo o determinou a não crêr. *Dever crer*, que significa então? *Dever crer* são duas palavras que brigam entre si: crêr e porque não se pode deixar de crêr, e quando se não crê, não ha *deveres*, por mais fortes que nos determinem a crêr. E se mais feliz crendo, diz *Callisto* *Novato*. Tambem eu seria mais feliz pensando que o mundo estaria cheio de pessoas honestas e sinceras. Mas as coisas são como são e não como *deverem ser*... Se por saber que seria mais feliz crendo, eu pudesse crêr desde esse momento, juro que desde então não haveria ninguém mais feliz de que eu; a minha vida seria um bello sonho, e os bellos sonhos fazem a gente feliz. Mas ai! não! um individuo exigente não pensa aquilo que *era bom* que pensasse, mas aquilo que o raciocinio o determina a pensar! E eu sou exigente...

Portanto todo o meu desejo é examinar os argumentos dos meus adversarios, ver que porção de verdade nelles existe. Mas... o autor do artigo em discussão chama este sincero desejo de elucidação e de procura da verdade que sempre caracterizou o homem, «a curiosidade doentia, dos que tudo discutem, tudo anatomizam e em quasi tudo erram miseravelmente».

Pelo que me toca, agradeço estas amabilidades, mas não as acho justas. Evidentemente, nada de menos doentio do que a curiosidade de saber. Esta não pode ser criminosa, e quem a condemna á luz da crença corre o risco de ser condemnado á luz da liberdade e das tendencias mais legitimamente progressivas do espirito humano. Quem não quer ver nem deixa ver deprime e amesquinha a sua crença. Os verdadeiros crentes nunca terão medo d'essa curiosidade: mostrai-me o sitio onde se desco-

bre o Erro, e eu descobrirei a Verdade. A discussão é a unica garantia da sinceridade da nossa fé. Religião sem discussão é religião que *abinicio* se reconhece falsa. O que é discutir, quando nessa discussão não entram ideias preconcebidas? E' pensar os *prós* e os *contras* d'um principio; *discutir* não é *negar*, discutir é procurar uma conclusão: conclusão que pode ser a *afirmação* ou a *negação*, que podem ser falsas, mas que temos o dever de supormos sempre sinceras.

Ora eu tambem discuti, no legitimo direito moral de ser tão feliz como os outros que eram felizes crendo. E não sahi da discussão mais crente do que era. Errei? A culpa não pode ser minha, porque quis ver o que aos outros se mostrava clarissimo e tudo se me affigurou escuro como as trevas, quis descobrir o que aos outros conso lava e dava força, desejoso de sentir essa serena pacificação d'alma que faz voltar os olhos para o Infinito, e nada pude descobrir, mais do que jogos de palavras e erros enormes. Parecia-me que, tendo pois errado, seria por esse facto digno da compaixão e da lastima dos crentes, porque me parece ser essa disposição que eu teria para os atheus se fosse crente. Mas enganei-me, porque sei agora que fui um *miseravel* em não ver o que não pude ver e em não descobrir o que, infelizmente para a minha reputação, não pude descobrir. E' triste que ainda hoje homens se chamem miseraveis por não terem as mesmas opiniões, e que ainda nos lembrem em cada miniscula contenda os antigos crimes religiosos, que tantas desgraças fizeram... Errei miseravelmente, e devo ser pois motivo de profundo odio da parte dos crentes, que eu, no entanto, amo como a irmãos, e cujas opiniões respeito, porque são sinceras.

Diz ainda o piedoso articulista que estes amantes e escravos da Verdade, que são os livre-pensadores, «calam que ainda no seio do poltheismo mais grosseiro se encontra um Deus a governar outros deuses». E' uma das provas da existencia de Deus. «Todos os homens creem em Deus, logo Deus existe». Eu supponho ser homem, e não creio em Deus. Demais, sei outros homens que igualmente não acreditam na divindade. Que valor pode pois ter essa prova? Mas o proprio fundamento da prova é falsissimo, como vimos, porque tambem a maior parte da gente *crê na não espontaneidade* de movimento nos corpos brutos, e o movimento browniano existe. Quasi toda a gente *crê* no repouso da Terra, e ella está em continuo movimento. Alem d'isso, está provado absolutamente o contrario do que o autor afirma, porque muitos povos não tem a minima noção de Deus. Não me parece pois de grande valia o ataque que o feliz crente nos faz a nós, atheus, acerca d'aquilo que, segundo elle, nós calamos.

Nós não podemos calar nada, porque não temos *interesse* algum em atingir a Fé. Se quisessemos calar alguma coisa era porque estávamos *certos* de que esse alguma coisa provava a existencia de Deus, e então eramos tão crentes como os crentes. Só o interesse material poderia explicar que pensássemos uma coisa e disséssemos outra. Ora eu julgo que não se ganha dinheiro em ser atheu. Um livre-pensador não tem direito a congrua...

O livre-pensador é sempre sincero, porque o livre-pensador não tem secretaria, não tem logares officiaes, não tem magistratura. Sei quem ganhe a vida *presente*, sendo padre, e a *vida futura*, sendo crente: nós não ganhamos, como atheus, nem a *vida presente*, porque não temos congruas, nem a *vida futura* que, segundo a religião christã, irremediavelmente perdemos... Algumas vezes até temos sido assados. Actualmente, costuma reservar-se esta sorte ás castanhas, porque segundo parece, o homem já se apaixonou mais pela matéria nutritiva do que pela matéria da crença...

Agora sobre Christo—Eu admi-

ro Christo: mas tambem admiro Spinoza, Galileu, Descartes, Bruno, Comte, Hugo, Zolá... O meu Christo é uma synthese: synthese de todos os que trabalharam com um intuito social, desde o homem primitivo, que enxotou da superficie da terra a fera ante historica, até Marconi, que descobre a telegrafia sem fios.

O poder extraordinario d'um só homem sobre a sociedade é um absurdo gravissimo. E' o maior erro que se pode ter em materia social. O *homem* é imperfeito e limitado em tudo: ora Christo era um genio, mas era um homem. Os homens grandes e pequenos, erram. Christo errou muito. Errou como Descartes, que negava alma aos animaes; como Comte, que negava *a priori* a astro fisica; como Bruno, como Hackel, como Bacon. Mas não *erraram miseravelmente*: erraram porque foram homens, e como homens, grandes que foram, os irmãos na minha humilde admiração.

Mas Christo não foi Deus. Giordano Bruno morreu heroicamente na fogueira lutando pelo que lhe parecia ser a Verdade e tambem não foi Deus. Todavia o nosso articulista diz: «Se elle não era Deus, sejam francos, não merece o vosso respeito, porque foi um embusteiro». Christo não foi Deus.

No entanto não o considero um embusteiro. Jesus não foi senão um homem grande dentro dos da sua geração, e não pode portanto ser julgado como seria grande homem da nossa geração. Sabe-se que Sertorio, para conseguir os seus fins, apresentava uma corça, que dizia ser Diana, e lhe aconselhava tudo o que devia fazer. Na poleão servia-se do que elle dizia ser a sua estrella; Mahomet dizia-se chamado a cumprir grandes destinos. Christo, para cumprir a obra de regeneração que elle ambicionava, tambem teve de lisonjear a superstição das multidões, e de se servir d'ella para alcançar os seus designios. Alem d'isso Christo era crente, e podia muito bem supôr se um enviado de Deus. Ainda bem ha pouco tempo nós vimos um imbecil dizer se enviado da Providencia para salvar Portugal da desgraça e do infortunio... Isto é: a Providencia dejectou sobre Portugal este scremento: João Franco, para redimir uma Patria. Este homem é sincero e é Messias por imbecilidade. Christo talvez fosse Messias por verdadeiro genio, e o genio é a manifestação superior dos super-degenerados da Loucura. Ha sessenta annos Comte tambem se apresentou como «le grand prete de la religion de l'Humanité». Nenhum d'elles, porém, foi embusteiro. Sinceramente se imaginaram chamados a cumprir uma grande missão e não embuste o erro, ainda que o nosso polemista o ache miseravel...

Taes são as terriveis exigencias da logica, tal é a consequencia. Na verdade o *grande argumento* do articulista é esmagador. Logica e consequencia, é de ver como elles as possuem, esses deistas...

Terminando. Eu não falo em apagadores... Dizem os catholicos: O atheu erra. Mas mostrem-me que efectivamente estou em erro. Demonstrem m'o. Ou então façam isto. Como crêem em Deus, vão ter com um padre, e peçam para rezar uma missa afim de Deus me iniciar na crença. Deus pode tudo e pode pois fazer o milagre de eu acreditar na sua existencia. O verdadeiro *padre justo* faz tudo para salvar a alma d'um semelhante. Rezem uma missa para que Deus me converta. E depois verem: se, apesar de tudo, eu não vier a crêr, é porque decerto Deus me acha bom combustível para as fogueiras do Inferno.

4-setembro-1907.

Raul Proença.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

SOMATOSE  
Reconstituinte de primeira ordem

O HERALDO EM PARIS

São tantos os factos que se succedem no mundo com vertiginosa rapidez que muitos, apesar de não serem insignificantes, costumam passar despercebidos, quando mesmo a grande imprensa mundial os registra com a maior exactidão e concisão cynematographicas.

Em geral, os jornaes mais lidos não commentam senão os successos que mais podem impressionar o publico, embora se trate de banalidades sobre as quaes toda a gente já deu a sua opinião, mas que pela sua indole especial continuam a interessar a multidão, essa multidão que só vê e pensa com os seus instinctos e paixões.

Agora, por exemplo, no que mais se falla, a par da questão de Marrocos que penetrou como uma espinha no corpo sensível d'este paiz impressionavel, é na sentença de Soleillant. Bem sabem quem é essa fera que assassinou uma raparigueta de 13 annos depois de a violentar. Ora bem: apesar de ter decorrido tanto tempo depois que foi pronunciada a sentença que condemnou aquelle degenerado á pena de morte e apesar dos principios democraticos de que tanto se gaba esta terra da grande Revolução, de todos os pontos do paiz chegam mensagens ao Presidente da Republica para que elle não indulte esse doido criminoso. E toda a imprensa franceza, com raras excepções, então aquelle grito de morte, publicando todos os dias artigos especiaes para dar a conhecer o estado da opinião em França, sobre este assumpto vulgar indigno de chamar a attenção da gente sensata. E' pura e simplesmente ridiculo, mas como o que querem é excitar — e provocar muitas vezes — o natural saísmo que caracteriza as multidões, até nos tempos de civilisação e cultura em que vivemos, os diarios de grande tiragem rivalisam em satisfazer a curiosidade insana do publico, que compra sempre os periodicos que mais pormenores e maiores sensações lhe dá. Não é portanto de extranhar que d'essa massa inconsciente e excitada pela imagem da besta humana que a imprensa põe diariamente ao seu alcance surjam tantos Soleillants e *Apaches*, que se vão multiplicando d'um modo aterrador para os tempos de progresso a que chegámos. Não sera já tempo que os diarios moderem o seu furor de informação a proposito de certas questões? Ou será que o pudor na imprensa se considere hoje como coisa inutil ou como um estorvo ao seu livre exercicio?

Em troca, de se, ha dias, um caso muito interessante do qual li apenas umas linhas nos jornaes de Paris: o decimo Congresso da *União regionalista breã*. Eu mesmo devo confessar a minha ignorancia a este respeito. Foi para mim uma novidade a reunião d'esta assembleia, pois não sabia que existia em França uma organização regionalista, a não ser a dos *felebrés* do meio-dia, cujas tendencias não foram alem da conservação platónica dos seus costumes e idioma. O facto, porem, de realisar-se esse decimo Congresso, com aspirações francamente regionalistas, em *toda a extensão da palavra*, n'aquellas regiões da Bretanha, onde é tão proverbial o culto pelo passado, impressionou-me uma immensa repercussão. As recentes manifestações do meio dia, cuja transcendencia foi innegavel foram o principio d'um movimento, que tem ficado no estado latente, mas que amanhã pode repetir-se a menor provocação ou imprudencia. Se as provincias do noroeste da França se identificarem agora com aquelle movimento, fazendo declarações como as que se fizeram no Congresso de Cornovailles, não podemos deixar de ver que se estão preparando novos successos n'este paiz de tradicional e insupportavel jacobinismo. E' uma revolução que se está realisando pouco a pouco e que a gente de Paris, muito entretida com a sorte de Soleillant e outros assumptos de pouca monta, nem chega a suspeitar.

Paris, setembro de 1907.  
A. Vinardell-Rong.

NO ALGARVE

NOTAS DE VIAGEM

IV

SUMMARY

Ascensão montanha—A nossa impericia na «Arte de cavalgar a toda a sella»—Sob a frescura dos castanheiros—Os thronos erguidos á deusa... Couve Tronchuda—Pericia dos alvaneis locais—A Picota—Um humeral na serra—Parodiando Tartarin—A voracidade dos lobos pondo em sobrealto os pegureiros e em banquete as ovelhas—Chegada á Foia—Vista panoramica—O chronista quebra o seu extasi por lhe ter fugido o ferrico—Na tradição serrana o marco geodesico é do tempo... dos moiros!—Lagos: a a sua habia e o Infante Navegador—Beliscando na Historia—Almoço phenomenal... de barateza—Horror á Hygiene—O que dirá Jonh Bull da nossa piranga?!—Praças, fortos n'um paiz... de entrévedos!

Cá vamos subindo a montanha, ao chouto dos asnos que a solicitude de seus donos ataviou em grande gala: sobre o albardão esbeicado, que nos obriga a *postura* de gymnastica Ling, branquija o lençol com iniciaes em ramallete, a linha vermelha; rescende a pero camoez porque foi agora tirado do grande arcaz de sicupira onde se guarda o bragal caseiro.

Uma legião de garotos desbarretase diante de nós, pedinchando, com desvelos impertinentes, a disputar entre si a primasia de cicerone. Correm á nossa beira, fazem circuit, até que o cansaço os obriga a ficar pelo caminho, commentando com ironia o nosso desconhecimento na *Arte de cavalgar a toda a sella*—essa obra de primor que se não abriu as portas da Academia ao rei D. Diniz foi porque na primeira epocha dynastica havia mais sabios e... menos burros!

Vamos sob a fresca protecção das castanheiros que entornam a sombra por azinhagas rescedentes. O trajecto é todo zigzagueante, ora contornando a cantis que as flores selvagens tapetam, ora desviando de ravinas, onde a agua marulha em cataratas, n'uma deliciosa sensação de refrigerio. Da profundeza dos valles ao cimo do monte, os hortejos, em socalço, são como phantasticos thronos erguidos em honra... da Couve Tronchuda. Ha culturas disseminadas por sessenta *pisos*, com supportes a pedra so ta, tão faceados e tão seuzos, como se o melhor cimento os ligasse, o que representa a summa pericia dos alvaneis da região.

O nosso arrieiro indica-nos a Picota, uma das grandes eminencias que avistamos, a par da Foia, mas de mais exigua altitude. Conta nos a vida local, os seus costumes, as lendas da serra, amenizando assim a ascensão que é um tanto demorada. Passa por nós um enterro. Ao hombro de quatro homens piedosos vae uma tumba, seguida de um grupo de regionaes com as suas jaquetas de cerimonia e os seus chapéus de fetro muito abados, caminhando sob o mais discreto silencio. Feliz mortal! Decidiu quasi esquecido, em plena serra, e surge-nos, inesperadamente, n'uma volta de caminho, levado em triumpho para o «reino do gloria» sob as acacias floridas, n'aquella religiosidade da Natureza. Estaríamos os nossos gericos para deixar passar esse fereiro anonymo, que baixava do monte á simpleza do campo santo, sem convites na Imprensa e sem a profanadora zoad de philarmonicas de que o extincto nunca fôra socio!... E seguimos á cata de episodios ineditos, em busca do imprevisto, pobres Tartarins de chapéu de côco que se contentam com estes Alpes Miniaturas e com estes lanzudos de Monchique!

Junto ao penedo do Buraco, abeira-se um pegureiro para nos saudar, offerecendo-nos, por uma conca de cortica (4) agua deliciosa d'um manancial perdido nos frageados da serra. Refrigerar-nos. Uma pequena detença para desentorpecer os nervos. E o solitario zagal narra nos a sua desventura: uma alcateia de lobos arrebatara-lhe, de noite, quatorze ovelhas,

(1) Deve ser um acocharros. N. da B.

deixando por terra, sem vida, mais quinze cabeças! Manifestámos-lhe o nosso sentimento pela morte... das ovelhas, mas concluímos jubilosamente que por aqueles trez dias mais chegados poderíamos passear a serra sem risco de encontrar esses vorazes inimigos, áquel' hora entretidos com o festim digno de Heliogabalo.

E com esta impressão abalámos, para avistar em breve o marco geodesico que topeta a Foia, n'um vasto «plateaux» de mato rastejante, onde as cabradas rebuscando o «pão nosso-de-cada-dia» e pequenos zagaes, de parca merenda no talieço, dormem o descuidado somno da innocencia, sob o olhar do sol.

A Foia!  
Na vastidão panoramica do Algarve parece entrever-se a paisagem suíça. Por toda a banda que os olhos vão—rozarios de montes encabellados de pinhal, moradias errantes que branquejam, afufadas na verdura, alcantis, ravinas profundas, tapeçarias de esmeraldas a desdobrar pelos valles, riscados de torrentes; para o Baixo Alemtejo a linha ondulante das cordilheiras sem arborisação; para a orla do Oceano a flora peculiar: a figueira, a alfarrobeira, a amendoeira, intercallando a vinha, as plantações rasteiras do esparto, da palma e do amendoim, que dão ao littoral algarvio uma tinteira africana; e a perder de vista, desde o Cabo de S. Vicente a Espichel, o Mar—eterno rugidor, vestindo de espuma o areal, a poir a dentadura dos fragueados, ullulando pelas cavernas recortadas de estalactites, n'um fragór de instrumentação wagneriana.

Do alto d'esse pico que tenta agredir as nuvens, o homem sente-se infinitamente pequeno! O seu extasis é profundo ao contemplar as maravilhas da Natureza. Não tentem fallar-lhe porque elle não ouvirá. Está inteiramente absorto, insensível a todos os estímulos, longe da realidade, immerso n'um longo sonho... Só uma coisa o fará volver ao prosaismo da existencia: quando lhe gritarem que o jerico vae fugindo pela encosta e que a poesia o não livrará de palmarhar todo o caminho para Monchique!

Foi o que nos ia succedendo. Salvou-nos a pericia d'um pastor, familiarizado com os meandros da serra, que deteve o indisciplinado asno, trazendo-o entre mimos de zambujeiro, até ao padrão geodesico que aquelle aborigene asseverava, cheio de simplicidade e de myster, ser coisa muito antiga, ainda do tempo dos moiros!

Depois da visita a Monchique—que é sem duvida a Cintra algarvia—Lagos seduz-nos com a sua ampla bahia que pôde abrigar todas as esquadras do mundo, e por ter sido o tumulo do Infante D. Henrique, o arrojado sonhador de Sagres.

E' por uma fresca manhã que damos entrada na povoação, transpondo a longa arcaria de pedra sobre o rio, a hora em que os barcos alijam a sardinha na praia. Vae um grande movimento na cidade que tem o seu tanto de pittoresco e... de sujo. A sua historia é gloriosa, mas as versões sobre a fundação contradizem-se porque nada ha mais difficil de accordar—depois dos advogados—que os historiadores.

Assevera-se que foi um rei Brigo que agrupou a primitiva cidade—dezoito seculos antes da nossa era com—o nome de *Lacobrija*. Depois, n'uma especie de «jogo do rapa» em materia de conquistas, pertenceu a todas as hordas musulmanas até cahir em poder de Afonso III. Remendou-lhe as muralhas D. Diniz e D. Manoel doou-lhe um bom aqueducto.

Diz-se que Lagos tem a sua cathedra de cidade ligada á triste jornada de Alcacer-Kibir em que D. Sebastião iniciou pela audacia de aventureiro a nossa escravidão a Castella. Esse titulo lhe foi dado antes da partida para a Africa. Tambem a Historia nos aponta que foi de Lagos que Gil Eannes sahio n'uma *casca de noz*—oh heróicos pilotos portugueses!—a po-

brar o cabo. Não, muito além do Bojador, iniciando assim a era das expedições nauticas.

A cidade soffreu os furôres do terremoto de 1755—e as agruras d'esse outro terremoto de 34 que foi a lucta liberal-miguelina.

Mas... agora nos esquecia que estas chronicas não se destinam a archivar historico. Por ellas deve perpassar ligeiramente o sópro da impressão pessoal d'um «touriste» que chega, olha e fixa rapidamente, sem annotações laboriosas nem pruridos de erudição.

Antes da Historia está o almoço. Vamos a elle. Hotel provincial com muita roupa lavada, em cestos, e janellas para o rio. Pratos de resistencia; bifes, ovos e... sardinhas assadas. *Noblesse oblige*. Conta para trez—nove tostões! Oh viajores que percorreis o orbe, se quereis presenciar o maior phenomeno de barateza vinde ao hotel de Lagos!

Com este almoço, tão apetitoso e tão economico, dispômo nos a vêr a cidade onde os varredores do municipio—se é que os ha—poem todo o seu escrupúlo... marroquino. A cada recanto uma estrumeira. Nas baiucas miseraveis que bordam a agua ha todo o aspecto d'um bairro de zingaros. O forte da Ponta da Bandeira avança para o mar, como a proteger essas pecilgas que a pachorrenta obra do caes conservava de pé inda por largo tempo.

E lembrar-se a gente que a exhibição de tal *miseria* deve quebrar a sisudez britanica, porque até agora nenhum inglez das esquadras que ali manobram poz ainda pé em terra sem primeiro pôr o pé... na agua!

Praça forte—é Lagos. E qual é a terra portugueza que não tem foros de guerreira?!... No entanto o castello do Pinhão e o forte da Meia Praia são bellas reliquias... d'asilo!

O que de resto não surprehen-de n'um paiz de finanças *entreadas*.  
João Arruda.

A PROVINCIA

Albufeira

Realisam-se n'esta praia nos dias 21, 22 e 23 grandes festas promovidas por um grupo de rapazes, que constam de regatas, cocanhas, corridas de burros, sacos e outras, bailes com cotillon, etc. etc., e haverá grandes surpresas.

As damas trabalham activamente na confecção de premios para os cortedores.

Para o baile o serviço é fornecido pela casa Ferrari.

Espera-se grande numero de forasteiros para assistirem a estas festas.

Tambem se projecta para breve um *pic nic*.

Continua verdadeira animação, dançando-se todas as noite até bastante tarde.

—Chegaram mais: capitão Leotte e esposa, D. Thereza d'Oliveira Baptista, dr. Pavão Leal e esposa, D. Alice Soares, D. Maria Aboim, Luiz Mascarenhas e familia, coronel Tavares Leotte e familia, José Gomes e familia; Manoel Negrão esposa e filha.

Regatas

O grupo sport de Tavira dá-nos amanhã o prazer de quebrar a insipidez do descanso semanal com a realisação d'umas regatas no rio Gilão que promettem correr com entusiasmo, pelo interesse que já estão despertando. Concorrem curiosos e profissionais e n'essa lucta empenhada está além d'um grande estímulo para um dos mais salutarres exercicios para a educação physica, um meio de distracção que é sempre de receber n'esta apathia habitual da nossa terra.

O grupo iniciador tem posto a sua melhor sollicitude no desejo de que as regatas se correm do melhor exito e justo é dizer-se que encontrou uma cooperação tão decidida como entusiastica no capitão do porto, o sr. Carlos d'Almeida Pereira.

Assistiremos para fazer no proximo numero o *compte-rendu* das regatas.

CARTA DE FARO

N'este setembro em demasia calmoso, abafante, na pequena facha ajardinada ali da praça Francisco Gomes se dão *renduz vous*, todas as noites, os que não quizeram ou puderam fazer-se de vela para as praias ou para os campos.

Claro, aos domingos, a affluencia redobra. Assim foi no ultimo. Muitas damas, muitos donzeis catrapiscadores, muito *bebé chilreante*. Nada d'extranhavel até aqui, mas para extranhar, e muito, é que se permita, n'aquelle recinto, mórmente nas noites de mais concorrencia, as correrias em tricycles d'alguns endiabrados franganotes, a todos incommodando e a alguns atropellando. Não acham?

—Da sua quinta do Alto, onde estiveram veraneando, regressaram á sua casa n'esta cidade as sr.<sup>as</sup> D. Anna Freire Pires e D. Maria Thereza Freire Pires, acompanhados da sr.<sup>a</sup> D. Leocadia Julia Xavier dos Santos.

—Modelar, como nenhum outro, o serviço dos caminhos de ferro do sul. Modelar no desleixo, é claro. Os horarios são letra morta. Rarissimos são os comboios que chegam á hora fixada nas respectivas tabellas. O mixto vindo de Lisboa e que á capital algarvia traz os jornaes, esse leva as palminhas aos demais. Todas as noites chega com atraso de uma, duas e e mais horas.

Quem olha misericordiosamente para um tal estado de cousas?

Bem preciso se torna.

—O nosso particular amigo sr. dr. José Caetano de Mattos Sanchez, tem experimentado melhora. Sinceramente desejamos o seu completo restabelecimento.

—Regressou a esta cidade o sr. Carlos d'Almeida Corte Real, major commandante do segundo batalhão d'infanteria 4, aqui aquartellado.

—Foi apresentado em canonicação da Sé com obrigação anexa do ensino das disciplinas ecclesiasticas no respectivo seminario diocesano o rev. José de Sousa Guerreiro, reitor da freguezia da Sé.

—Retirou para a sua casa em Lisboa o sr. José Verissimo d'Almeida, conceituado lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria e que aqui viera passar o periodo de ferias.

—Na tarde de quarta feira, na igreja da Sé, effectuou-se o consorcio da sr.<sup>a</sup> D. Virginia Adelaide Matheus Fernandes, filha do sr. Matheus Fernandes, piloto mór da barra de Faro e Olhão com o sr. Manoel Silvestre Ventura, contra-mestre da armada. Celebrou o acto o rev. José Bernardo da Veiga, servindo de madrinha a sr.<sup>a</sup> D. Anna de Bivar Cumano e de padrinhos os sr. Constantino Cumano e Augusto Carlos Freire Pires. Em casa dos paes da noiva foi, após a cerimonia, servindo um copo de agua.

—Está nesta cidade o nosso amigo e inspirado poeta sr. dr. Candido Guerreiro.

JOAQUIM PERES

MEDICO

Dá consultas diarias em sua casa, na rua da Corredoura, das 12 ás 2 horas da tarde. 115

Gymnasio de Tavira

Parece que em resultado dos calores que tem havido n'este mez o sarau d'outomno será transferido de outubro para novembro para os socios terem tempo de se tre-narem.

A classe infantil, que representa o maior beneficio prestado por este Gymnasio á cidade, acha-se actualmente composta de trinta creanças o que mostra que as vossas familias já ligam uma certa importancia á educação physica dos seus filhos.

No proximo sarau consta que serão conferidos premios aos alumnos que melhor executarem os movimentos de gymnastica sueca.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Hoje, 22—D. Maria da Encarnação Travassos Neves Quintino, o principe D. Miguel de Bragança, a menina Maria José Almodovar.  
Segunda, 23—Abel Botelho, João Lino.  
Terça, 24—D. Maria das Mercês Maldonado, D. Isabel B. L. Athayde, D. Maria das Mercês Sequeira Pacheco.  
Quarta, 25—Guilherme Augusto Marques de Assis Correia.  
Quinta, 26—D. Anna Xavier de Brito Teixeira Tello, D. Maria Eugenia de Abreu Braziel, João Augusto Caldeira Robollo, Henrique Xavier Cavaco, visconde de Sanches de Baena.  
Sexta, 27—D. Maria dos Remedios Crespo Mexia, João Augusto de Mendonça Mello e Sabbo.  
Sabbado, 28—D. Helena Mesquita Pinto Serpa.

Retirou para Lisboa na terça-feira o sr. dr. Antonio Francisco de Sousa, medico do partido municipal. Fica substituido por seu irmão o sr. dr. Candido de Sousa que, como dissemos, chegou no domingo, acompanhado de sua mãe.

Está desde ha dias n'esta cidade o sr. capitão Rollo.

Acompanhado de sua esposa esteve no domingo em Tavira o sr. João Rodrigues Aragão.

POLEMICA RELIGIOSA

Temos já em nosso poder o artigo em que o nosso estimavel collaborador *Callisto Novato* responde á replica de *Jayme Cuoha*. Vae no proximo numero.

CARTA DE CASA BRANCA

Quasi á hora do nosso jornal entrar na machina recebemos uma carta datada de Casa Branca, o ponto de mais encarniçado combate da actual guerra de Marrocos, e assignada pelo nosso estimavel amigo sr. Joaquim Fonseca que ha quasi um mez partiu para diversos portos da costa marroquina e que ha dias desembarcou em Casa Branca, d'onde nos escreve em 16 do corrente. Não nos permite a hora tardia da sua recepção publicar a carta, na integra, mas extractamos alguns periodos:

«Chegamos a Casa Branca na vespera da batalha de Tadert e no dia seguinte fomos para terra, ouvindo já a fuzilaria. Mal chegamos encontramos o nosso consul, um funchalense de perto de 30 annos, muito sympathico e muito agradável, em extremo obsequioso e atencioso, e que de seguida nos levou ao consulado, convidando-nos a subir ao mirante para avistar o campo da batalha. N'essa occasião começara o *La Gloire* a bombardear o campo inimigo e, munidos d'um oculo de largo alcance, vimos tudo: simplesmente ou horrivelmente admiravel. Na tarde soube-mos que os francezes tinham 11 feridos e 1 morto. Não penses que estive no mirante com a mesma presença de espirito com que costumava sentar-me ahi n'um dos bancos da arcada; a distancia era apenas de 8 milhas, o campo plano, apenas com leves ondulações, a ponto de se ver distinctamente o local onde estava o estado maior.

«A cidade está em completo socego, a vida muito cara, os mouros poucos e bem vigiados, policia rigorosa que os abriga a varrer as ruas. A lingua que mais se ouve é a franceza. Os maiores estragos feitos pelos mouros que depois da pilhagem incendiaram as casas. Vejo aqui muitas caras conhecidas de officiaes francezes de Oran, mas já não parecem os mesmos elegantes. Agora andam de botas brochadas, remendos nos *dolmens* brancos, emquanto que os hespanhoes passeiam á paisana, a cavallo, todos bem trajados, como se estivessem veraneando.

«Depois d'amanhã, 18, sigo para Tanger, e de Casa Branca levo a saudade da excellente palestra e captivante gentileza do consul que é dos portuguezes mais portuguezes que tenho encontrado cá por fóra.»

LECCIONA-SE

Promptifica-se a leccionar o 1.º, 2.º e 3.º annos dos Lyceus recebendo para isso qualquer correspondencia, em sua casa, Avenida d'acesso á estação do caminho de ferro, o padre Victor Manuel Rodrigues.

CARRIRAS A VAPOR NO GUADIANA

Horario de partidas

no mez de setembro			
Dias	Horas	De Mertola	Horas De Villa Real
2	10,35	da manhã	2 6,56 da tarde
3	12,	"	3 7,18 "
4	1,11	"	4 9,19 "
5	2,28	manhã	5 10,28 manhã
6	3,06	"	6 11,03 "
7	3,41	"	7 11,37 "
9	4,46	"	9 12,43 tarde
10	5,20	"	10 1,16 "
11	5,53	"	11 1,50 "
12	6,27	"	12 2,26 "
13	7,06	"	13 3,07 "
14	7,51	"	14 3,58 "
16	10,05	"	16 6,34 "
17	11,37	"	17 8,01 "
18	12,58	tarde	18 9,12 "
19	1,32	manhã	19 9,42 manhã
20	2,29	"	20 10,33 "
21	3,17	"	21 11,19 "
23	4,39	"	23 12,39 tarde
24	5,18	"	24 1,16 "
25	5,53	"	25 1,51 "
26	6,28	"	26 2,26 "
27	7,04	"	27 3,03 "
28	7,43	"	28 3,46 "
30	9,43	"	30 6,07 "

Regimento d'infanteria 4

ANNUNCIO

NO dia 30 do corrente mez, pelas 12 horas do dia, na sala das sessões do conselho administrativo do regimento e perante os membros do mesmo se ha de proceder á arrematação em hasta publica dos generos para a confecção dos ranchos de sargentos e geral, do corpo, bem como de forças que transitarem ou estacionarem n'esta cidade com principio em 1 de dezembro do corrente anno até 30 de novembro de 1908, os quaes são os seguintes: assucar, azeite, arroz, bacalhau, batata, cebolla, café, feijão branco, feijão vermelho, feijão amarello, grão de bico, lenha, massa de 2.<sup>a</sup> pimentão e toucinho, vacca e carneiro.

Os concorrentes apresentarão as propostas assignadas e lacradas em cartas fechadas até ás 11 horas da manhã do referido dia e farão um deposito provisório de 10\$000 réis para poderem ser admittidos á licitação verbal que se abrirá sobre o menor preço offerecido pela amostra de cada genero. O caderno de encargos acha-se patente na secretaria d'este concelho, todos os dias, das 11 da manhã ás 3 horas da tarde, onde poderá ser consultado.

Quartel em Tavira, 10 de setembro de 1907.

O secretario do conselho administrativo,  
*Desiderio Venancio Peres*,  
alferes da administração militar  
141

1.º ANNUNCIO

NO dia 29 do corrente mez de setembro, por 11 horas da manhã á porta da casa onde reside a viuva do fallecido João dos Santos Parreira, na rua de Mau-foro, freguezia de S. Thiago d'esta cidade, se hão de arrematar em hasta publica a quem maior lance offerecer, superior aos respectivos valores em que vão á praça, diversos moveis, taes como:—uma meza de polimento com tempo de pedra, outra de madeira de piuh, outra idem com aba, diversas cadeiras e louças, lavatorios, leitos de ferro com seus pertences, um relógio de meza, um candieiro de suspensão, uma balança, ferro por manipular, etc., etc., tudo pertencente ao casal inventariado do dito João dos Santos Parreira. Estes bens são os que não tiveram lançador nas praças constantes dos editaes affixados com datas de 6 de junho e 14 de agosto do corrente anno e voltam novamente á praça por deliberação do concelho de familia e interessados no inventario do annuciado João dos Santos Parreira, com o abatimento de 90%.

Nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 844 do Codigo do Processo Civil são citados quaesquer credores incertos.

Tavira, 18 de setembro de 1907.

Verifiquei—*Sabbo*.

O ajudante do escritorio do terceiro officio, em exercicio,  
142 *Joaquim do Carmo Palma*.

CASAS

Vende-se um predio de dois andares situado na rua das Portas de S. Braz, pertencente aos herdeiros de Santiago Perez Ponce.

Quem pretender dirija-se a Eduardo Aurelio Parreira Faria, em Tavira.  
140

# Um coração cheio de alegria



AMERICO PESSÔA.

## O TESTEMUNHO

Porto, Rua de Cedofeita, 184, 7 de Março de 1906.

É com o coração cheio d'alegria que me dirijo a V. S. Meu filho Americo, que na tenra idade de 4 annos, se via a braços com a terrível anemia e que tantas noites de insomnia me occasionou, a pensar n'esse mal, que m'o ia roubando lentamente, encontra-se hoje, graças á Emulsão de Scott, completamente restabelecido.

Antonio Facion.

## A RAZÃO

No uso da Emulsão de Scott nunca ha decepções, em consequencia da sua energia magnifica (immensamente superior á de qualquer outra emulsão de óleo de fígado de bacalhão), derivada da extrema-mente boa qualidade e pureza dos materias de que é fabricada e da perfeição scientifica do processo. A qualidade da

## Emulsão de Scott

nunca varia, porque é do melhor que podem produzir o fígado, a pericia e o cuidado. O óleo de fígado de bacalhão norte-americano é o melhor do mundo, a Emulsão de Scott nunca contém senão o melhor do melhor. Outras emulsões, ao contrario, frequentemente contém óleos inferiores, ás vezes não provenientes do bacalhão, e portanto carecem por completo das notáveis virtudes medicinas do óleo magnifico empregado na Emulsão de Scott. Para a vossa propria segurança, e dos vossos doentes, verifique se o pescador com o peixe está no involuço.



Exigir sempre a Emulsão com esta marca — o homem do peixe — que significa o processo Scott!

NOTA: Apesar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de Scott aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtêm-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º, Porto.

## ARRENOVA-SE

Uma propriedade no sitio de Belmonte, freguezia da Luz, que consta de duas vinhas, figueiras, amendoeiras, oliveiras, alfarrobeiras, terra de semear, casa de habitação e arrecadação.

Prefere-se rendeiro que habite a propriedade. Quem pretender pode dirigir-se a Justino Augusto Ferreira, rua Nova Grande, Tavira. 131

## VENDEM-SE

Duas propriedades: uma no sitio da Fonte Salgada, consta de terra de semear e mattoza, oliveiras, alfarrobeiras, figueiras e casas de moradia, cabana, palheiro, chiqueiro e poço d'agua doce; outra no sitio da Balleira consta de terra de semear dura e oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras, vinha e casas de moradia, cabana, palheiro e chiqueiro. Trata-se com João Fernando Netto que vive na 2.ª propriedade da Balleira. 133

## ADUBO CHIMICO

Já chegou a primeira remessa da acreditada marca coroa Rio Tinto.

a MATHIAS PERES ROJO & IRMÃO TAVIRA. 128

## VENDE-SE

Uma morada de casas, com seis compartimentos, quintal e ramada, situada na freguezia da Conceição, junto á estrada real. Quem pretender pode dirigir-se a Antonio d'Horta. 132

## AGUAS DE PEDRAS SALGADAS

Gazosas, bicarbonatadas sodicas, lithicas, arsenicaes e ferruginosas

Usam-se no Estabelecimento Hydrologico, e fóra d'elle; a agua do PENEDO é utilissima na lithia se urica e oxalica, gotta aguda ou chronica, dermatoses arthriticas, cystite chronica, doenças do estomago e intestinos, impudismo chronico e asthma.

A do Penedo Novo—nas doenças de estomagos, e especialmente na dilatação.

As nascentes José Julio Rodrigues e Grande Alcalina são de indiscutivel effeito na diabete, colicas e estados congestivos do fígado e baço, gotta, doenças de estomago, etc.

Gruta Maria Pia—agna bicarbonatada ferruginosa—excelente para o tratamento da anemia, chlorose, dysmenhurea, leucorrhœa, lymphatismo e nas convalescências.

D. Fernando—rica de acido carbonico. Tem applicação vantajosissima nas dyspepsias atonicas, gastralgias, gastrites chronicas, vomitos nervosos e nas areias phosphaticas. De sabor muito agradável, constitue tambem preciosa agua de meza.

A Agua de D. Fernando—natural—deve ser sempre preferida a todas reconhecidas artificiaes ou suspeitas de conterem acido carbonico introduzido artificialmente em dosagem incerta.

As aguas de Pedras Salgadas vendem-se em todas as drogarias, pharmacias, hotéis e restaurantes.

Deposito principal no PORTO—Rua da Cancellia Velha—31. Em LISBOA—Largo de Santo Antonio da Sé—5, 1.º. Em TAVIRA—Justino Augusto Ferreira.

O Estabelecimento Hydrologico de Pedras Salgadas, um dos mais formosos e completos do paiz, abre em 20 de maio. Excellentes hotéis—Grande Hotel e Hotel do Avellames. Caminho de ferro até Villa Real: d'este ponto em deante, carruagem e mala-posta.

Em breve—Caminho de ferro até PEDRAS SALGADAS. Estação a 250 metros do Estabelecimento. 54

## MODESTO & FIGUEIREDO

Grande deposito de adubos chimicos

Avenida Hintze Ribeiro, n.º 2—FARO

Fornecem-se adubos chimicos, simples ou preparados para todos o terrenos e em harmonia com a amostras de terra.

Direcção do agronomo Alexandre de Figueiredo e Mello.

Descontos aos revendedores. (108)

## LAGAR

Arrenda-se para o fabrico da novidade pendente o Lagar da Bella Fria com todos os seus pertences, excepto capachas.

Recebem-se para este fim propostas em carta fechada até ao ultimo dia do corrente mez em casa de Francisco José Marques Freire, n'esta cidade. 139

## CASA

Vende-se uma na rua d'Alegria que se compõe de 12 compartimentos no alto, 2 armazens nos baixos, quintal, poço d'agua, duas varandas, tendo frente para a dita rua d'Alegria e para a Praça da Lagôa.

Quem pretender deverá dirigir a sua proposta em carta fechada á redacção d'este jornal. 134

## 162 VENDIDOS EM 1906 PARA-RAIOS

Flammation, de ferro oco galvanizado ponta simples de platina iridium, cabos e chapas de descarga de cobre puro, SEM MAIS DESPEZA, posto no seu logar

45\$000 réis

Franklin, ferro oco galvanizado, ponta multipla de platina-iridium, cabos e chapas de cobre de descarga, tudo de cobre puro, O MELHOR QUE SE FAZ, posto no seu logar, SEM MAIS DESPEZA

50\$000 réis

Modelo da Commissão Municipal de Paris, de ferro oco galvanizado, ponta «Pouillet» cabo de ferro, ligações e chapas de descarga de cobre puro, posto no seu logar SEM MAIS DESPEZA

30\$000 réis

Montagens de telephones, campainhas electricas e para-raios absolutamente garantidos.

G. MIRAMON & C.ª

PRAÇA D. PEDRO, 46, 47, 48—LISBOA

Casa fundada em 1845

Muito cuidado com as imitações de casas pouco sérias 86

## OURIVESARIA E RELOJARIA LOPES

4 e 6, rua Tenente Valadim, 6 e 6 A

## FARO

Neste estabelecimento encontra se sempre um grande e variado sortimento das ultimas novidades nacionaes e estrangeiras em objectos de ouro e prata do mais fino gosto; sendo tudo vendido por preços sem competencia.

Especialidade em CORDÕES DE OURO de fabrico esmerado e barattissimos; e objectos proprios para brindes.

Relogios de todos as qualidades em ouro, prata, e aço, tanto para homem, como para senhora; despertadores de diferentes feitios, etc.

Artigos em Prata, como centros para mezas, com crystaes; assucaireiros, salvas, tinteiros, palmatorias, paviteiros, talheres, castiões, colheres, e muitos outros, que é difficil enumerar.

Recebem se encomendas e concertos, que são executados com a maxima perfeição e economia.

## SEMPRE NOVIDADES



## FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20 TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS (3)

## BOA OCCASIÃO

Arrenda-se ou vende-se uma propriedade no sitio da Palmeira, freguesia da Luz; que consta de regadio, sequeiro, arvoredado e casa de habitação.

Quem pretender pode dirigir se a João do Nascimento Callada.—Tavira. 122

## HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA pela Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes. Dentes artificiaes.

Consultas gratis aos pobres ás 9 a manhã.

Rua 1.º de Dezembro, 20

42 FARO

## Real Instituto de Soccorros a Naufragos

Na sede da Commissão local de Tavira, capitania do porto, recebem-se proposta para a construcção d'um barracão-abrigo para um barco salva vidas

Condições e projecto patentes na mesma sede todos os dias uteis das 11 da manhã ás 2 da tarde, até ao dia 25 do corrente.

Tavira, 14 de setembro de 1907.

O Presidente da Commissão executiva, Carlos d'Almeida Pereira. 140

## J. A. ARCHANJO

Cereaes, farinhas, sementes, sabão, grão e Arroz

Compram-se borras d'azeite

58 a 64—R. Conselheiro Bivar, 58 a 64

52 FARO

## EDITAL

João Possidonio Guerreiro, Comendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição e Presidente da Camara Municipal de Tavira.

FAZ PUBLICO:

QUE, até ás 12 horas da manhã do dia 17 do proximo mez de outubro na secretaria d'esta Camara se recebem propostas em carta fechada para a arrematação das carnes verdes a consumir n'esta cidade do dia 1.º do proximo mez de dezembro ao ultimo de novembro de 1904.

N'esta dita secretaria estão patentes as condições da arrematação em todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Cada proponente fará acompanhar a sua proposta do deposito proviso-rio de 100\$000 réis que, para o arrematante se converterá em definitivo.

Pela mais baixa proposta abrirá a camara licitação verbal.

E para que chegue ao conhecimento de todos se vai publicar este e outros que eu Joaquim Augusto Barrot Trindade, secretario da Camara o subscrevi.

Secretaria da Camara Municipal do Concelho de Tavira, 12 de setembro de 1907.

O Presidente, 137 João Possidonio Guerreiro.

## GRANDE LOTERIA DO NATAL

Extracção a 21 de Dezembro de 1907

Consta de seis mil oitocentos bilhetes e distribue a importantissima somma em premios de trezentos e oitenta contos de réis!

O cambista TESTA satisfaz na volta do correio todos os pedidos para esta Grande Loteria quando estes venham acompanhados da respectiva importancia em: sellos ou vales do correio, letras ou ordens s/Lisboa ou qualquer praça do paiz ou ainda do estrangeiro.

Todos os premios vendidos no cambista TESTA são pagos á vista sem desconto algum.

Como abaixo se vê, no plano apresentado este anno ha uma innovação apreciavel. Todas as dezenas, isto é, todos os dez numeros seguidos tem um premio certo, garantido, que é a terminação da sorte grande.

## PLANO

1 premio de . . . . .	200:000\$000
1 . . . . .	40:000\$000
1 . . . . .	10:000\$000
2 . . . . .	2:000\$000
2 . . . . .	1:000\$000
10 . . . . .	400\$000
20 . . . . .	300\$000
288 . . . . .	160\$000
2 aproximações ao premio maior a . . . . .	1:000\$000
2 ditas ao segundo premio a . . . . .	450\$000
2 ditas ao terceiro premio a . . . . .	318\$000
679 premios a todos os numeros que terminarem na mesma unidade do premio maior a . . . . .	96\$000

1:010

## PREÇOS

Bilhetes, 80\$0000 réis; meios bilhetes, 40\$000; quartos, 20\$000; ecimos, 8\$000; vigessimos, 4\$000; fracções de 2\$600, 2\$100, 1\$600, 1\$100, 530, 330, 220, 110 e 60.

Dezenas: dez numeros seguidos de 5\$400, 3\$300, 2\$200, 1\$100 e 600 réis.

Para a provincia e ultramar accresce a despeza do correio.

Dirigir todos os pedidos ao

CAMBISTA—JOSÉ RODRIGUES TESTA

74, R. do Arsenal, 78  
136, R. dos Capellistas, 140  
LISBOA 125

## EDITAL

João Possidonio Guerreiro, Comendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição e Presidente da Camara Municipal de Tavira

FAZ PUBLICO:

QUE até ás 12 horas da manhã do dia 3 do proximo mez de outubro, na secretaria d'esta camara, se recebem propostas em carta fechada para a arrematação dos seguintes rendimentos municipaes a cobrar durante o proximo anno de 1908:

	Bases da licitação
Taxas do mercado municipal e do 2.º e 9.º ramos dos impostos indirectos	2:300\$000
1.º ramo dos ditos impostos . . . . .	1:400\$000
5.º, 6.º, 12.º ramos dos ditos impostos . . . . .	125\$000
13.º ramos dos ditos impostos . . . . .	125\$000
7.º e 8.º ramos dos ditos impostos . . . . .	305\$000
10.º ramos dos ditos impostos . . . . .	45\$000

E para constar se publica o presente e outros de equal teor que vão ser affixados nos logares do costume e publicados no jornal da terra.

Paços do Concelho de Tavira, 12 de setembro de 1907.

O Presidente, 136 João Possidonio Guerreiro.

## PROPRIEDADE

Arrenda-se no sitio de Santa Margarida. Trata-se com Antonio Xavier da Trindade, Tavira. 124